

# OS MOVIMENTOS DE DESTRUIÇÃO E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO POLÍTICO DA SOCIEDADE BRASILEIRA: A ATUALIDADE DAS CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A FORMAÇÃO DAS MASSAS<sup>1</sup>

Gabriel Crespo Soares Elias<sup>2</sup>

Juliana Alves Garcia da Roza<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar e discutir criticamente, a partir da teoria psicanalítica, os movimentos de ódio, violência e destruição presentes no contexto político da sociedade brasileira. Em nosso texto apresentaremos a psicanálise como um saber que se relaciona, desde o trabalho freudiano, diretamente com a cultura, de modo a apontar para a atualidade das considerações psicanalíticas sobre a psicologia das massas na contemporaneidade. Desse modo, mencionaremos alguns recentes movimentos de massa no Brasil contemporâneo de modo a

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao professor Dr. Marcelo de Abreu Maciel, do departamento de Psicologia do Instituto de Humanidades e Saúde da Universidade Federal Fluminense, campus Rio das Ostras, pelas lições e apontamentos imprescindíveis para a realização deste trabalho.

<sup>2</sup> Graduando em psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Contato: [gabrielcrespo@id.uff.br](mailto:gabrielcrespo@id.uff.br)

<sup>3</sup> Graduanda de psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Contato: [ju-roza@hotmail.com](mailto:ju-roza@hotmail.com)

mostrar como Freud e a psicanálise pode nos ajudar a compreender as origens aparentemente irracionais da violência, do fascismo e da destruição que tem feito parte cada vez mais do nosso cotidiano político.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise; psicologia de massas; violência; sociedade brasileira; fascismo.

The movements of destruction and violence in the political context of Brazilian society: the relevance of psychoanalytic considerations about group formation

**ABSTRACT:** The purpose of this article is analyze and critically discuss, based on psychoanalytic theory, the movements of hatred, violence and destruction present in the political context of Brazilian society. In our text, we will present psychoanalysis as a knowledge that relates, since Freudian work, with the culture, in order to show how psychoanalytic considerations about group psychology are still applicable today. In this way, we will mention some recent group movements in present Brazil to highlight how Freud and psychoanalysis can help us understand the seemingly irrational origins of violence, fascism and destruction that have been increasingly observed in our everyday political life.

**KEY WORDS:** psychoanalysis; group psychology; violence; Brazilian society; fascism.

### **Introdução: a psicanálise e sua relação com o social**

Há muito a psicanálise tem sido acusada pelas mais variadas formações de pensamento de ser um saber que não trata apropriadamente das questões relativas à sociedade. Podemos considerar que esta crítica, de nenhum modo ingênua ou totalmente destituída de razão, dirige-se corretamente a certa tradição de leitores de Freud que interpretaram o seu pensamento de modo a não perceber que ele não se constitui como um pensamento exclusivamente centrado no indivíduo, como se fosse apático ao social. Contudo, a despeito destas determinadas correntes pós-freudianas, que centram sua leitura no indivíduo, na escuta clínica dos sintomas como se estes fossem de ordem apenas individual e não social, não é possível afirmar que a psicanálise, nem mesmo que Freud, não relacionasse a sua teoria do indivíduo com a análise da cultura<sup>4</sup>.

Desde seus primeiros escritos psicanalíticos é possível perceber que Freud não separa indivíduo e cultura, embora arbitrariamente os tome como duas categorias a fim de tornar clara a sua escrita e exposição de seu pensamento. Na clínica da histeria e da neurose, campo original da

---

<sup>4</sup> Caminhamos na mesma direção do sociólogo Herbert Marcuse que na sua obra *Eros e Civilização* (1981) indica que o pensamento de Freud pode ser considerado uma teoria crítica do social e não pode ser tomado como não-cultural e apolítico. Este pensador da escola de Frankfurt criticará ainda algumas correntes neofreudianas que trataram de 'esquecer' algumas noções fundamentais em Freud, tais como a teoria das pulsões e da repressão, em prol de uma clínica apática à cultura, reafirmando uma separação entre individual e social que não há em Freud. Para Marcuse este 'esquecimento' da ligação entre teoria das pulsões em Freud e teoria crítica social, certamente, tem intenções políticas de tornar a psicanálise neutra diante da realidade social.

atuação do criador da psicanálise, Freud percebeu que a formação dos sintomas histéricos e neuróticos se relacionava diretamente com a cultura vigente.

Em *Estudos sobre a histeria* (1895/1996) Freud e Breuer apresentam a relação entre os sintomas histéricos e a educação moral rigorosa das jovens histéricas do final do século XIX: essas mulheres desconheciam a vida sexual, eram educadas a reprimirem todo e qualquer pensamento desejante como considerado impuro. A despeito das convenções de sua época que considerava a histeria uma simples criação da mente das mulheres, algo incurável e que se encerrava no esforço da histérica em forjar sintomas reais, Freud procura o sentido oculto, a mensagem que se esconde por trás das paralisias, afasias, desmaios, esquecimento de língua natal, perda de sentido, entre outros sintomas histéricos.

A psicanálise, desde o início (que é Freud) levou em consideração na análise do sujeito as questões da sociedade (o papel da moral na repressão da sexualidade e as consequências patológicas disto), contudo, neste primeiro momento o trabalho freudiano centrava-se na clínica e na análise do indivíduo, dando ensejo a uma interpretação da posteridade recortada, equivocada e pobre do pensamento freudiano, como se este dissesse respeito apenas à análise e tratamento privados do sofrimento psíquico.

Ao longo do desenvolvimento posterior de seu trabalho, Freud fez a teoria psicanalítica avançar em direção ao estudo da cultura, deslocando cada vez mais a análise da dimensão individual para a dimensão social, mostrando que ao invés de separá-las, a psicanálise as relaciona como dimensões intimamente vinculadas. Em *Moral 'sexual' civilizada e doença nervosa moderna* (1908/1996), Freud apresenta pela primeira vez um texto que dá um tratamento mais demorado ao tema da sociedade.

Neste texto, ele mostra a relação direta entre as doenças psíquicas modernas com a moral social vigente. Para mostrar a importância deste trabalho, cabe salientar que é neste texto que o autor aponta a diferença entre a liberdade concedida pela cultura ao homem e à mulher: para o primeiro é permitido maior satisfação erótica, podendo inclusive satisfazer-se para além da união monogâmica, enquanto a segunda é privada de qualquer abertura sexual para além do casamento. Podemos dizer que, de certo modo, Freud identifica esta 'moral sexual' civilizada que impõe maiores

impossibilidades de satisfação sexual para as mulheres como possível para entender a incidência das doenças nervosas nas mulheres<sup>5</sup>, e porque elas aparecem em menor número em homens.

Os anos da Primeira Guerra Mundial, o crescimento do sentimento antissemita na Europa, o crescimento das instituições militares no entre guerras e a formação de massas políticas fascistas, influenciaram o trabalho de Freud e o levaram a dedicar seu pensamento à questão da destruição e das expressões aparentemente irracionais da guerra e do ódio, como observado no texto *Reflexões para tempos de guerra e de morte* (1915b/1996). Esses tempos de destruição, guerra e morte trouxeram transformações à própria teoria psicanalítica que incorporou nos seus registros os conceitos de compulsão à repetição e pulsões de morte, de modo a tentar explicar os quadros clínicos e culturais em que a autodestruição se manifestava como vemos em *Além do princípio de prazer* (1920/1996) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011).

Finalmente em *O mal-estar na civilização* (1930/1996), Freud irá organizar seu pensamento sobre a cultura e apontar definitivamente que as origens da insatisfação, do descontentamento, o mal-estar do homem na vida de animal civilizado (assim como as origens dos sintomas que compõem os quadros de sofrimento psíquico) localizam-se na repressão cultural e na educação oferecida pela família para conter os impulsos de interesse natural do homem: a agressividade e o erotismo. No *Mal-estar*, Freud apresentará ainda seu receio sobre o futuro da civilização (ele não chegou a ver a Segunda Guerra Mundial) e dirá que o quadro social se dá do mesmo modo como o quadro da vida psíquica, em ambos observa-se a luta entre os impulsos vitais e os impulsos mortíferos, não se podendo dizer com certeza qual das duas classes sairá vitoriosa.

Apesar de não poder ser lida adequadamente como revolucionária (até porque seu criador recusava à psicanálise este caráter), não se pode esquecer que a teoria psicanalítica deve ser tomada como um saber que relaciona profundamente as suas teorias da constituição do aparelho psíquico com as formações culturais. Deste modo, compreendemos que a teoria freudiana indica ainda caminhos para se pensar nos modos como os sujeitos se constituem em sociedade, como se formam e estruturam seus valores, ideais e discursos.

---

<sup>5</sup> A histeria era entendida nos séculos XVIII e XIX como uma doença exclusiva da mulher. A própria etimologia da palavra histeria quer dizer útero em grego. A medicina da época acreditava que a histeria era uma patologia própria do sexo feminino, o que é contestado pelos estudos de Freud e Breuer. A originalidade de Freud consiste em perceber que há um sentido oculto nas manifestações histeria. Ele então procura entender o que se esconde por detrás daqueles sintomas (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O presente trabalho que entregamos tem como objetivo apresentar a atualidade das considerações psicanalíticas sobre a análise da cultura e sua psicologia das massas, a fim de lançar uma luz sobre o contexto político em que vivemos e lamentavelmente vemos crescer massas e movimentos de ódio e violência, aparentemente de origens irracionais. Em tempos em que o espaço político que já foi dedicado ao diálogo (embora jamais exclusivamente) está se transformando em campo de agressão e violência, Freud e suas noções de inconsciente, repressão dos impulsos, formação das massas, poderão nos auxiliar na compreensão destes movimentos de destruição e morte.

Cabe salientar que, apesar de nos apropriarmos mais da obra de Freud, não nos limitaremos a este autor, buscamos na *Psicologia de massas do fascismo* (1933/2015) de Wilhelm Reich relevantes elucidações sobre o momento político brasileiro atual em que vemos crescer o autoritarismo, e as forças reacionárias consoantes a um patriotismo maniqueísta (que divide a sociedade em iguais e inimigos, pessoas pró e pessoas contra), assim como também observamos a exponencial naturalização dos discursos de ódio. Utilizaremos também o filme alemão *A Onda* (*Die Welle*) (2008) como ilustração para a noção de movimentos de massas em Freud e como fio que ilustrará e conduzirá as considerações psicanalíticas que apresentaremos e nos ajudará a compreender o contexto político de autoritarismo e fascismo do Brasil atual. O presente artigo também apresentará reflexões livres sobre alguns movimentos de massa que ocorreram nesta última década e que podem auxiliar nesta breve leitura sobre a nossa sociedade contemporânea.

### **A formação das massas segundo Freud**

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), Freud estabelece diálogo com os autores da psicologia social de seu tempo, tais como Gabriel Tarde, William McDougall e Gustave Le Bon, a fim de responder aos questionamentos feitos pelo seu pensamento inquieto: o que é e como se forma uma massa? Como ela influencia a vida psíquica do indivíduo? Como é essa modificação subjetiva que a massa impõe ao indivíduo? Como explicar, por exemplo, os comportamentos aparentemente irracionais que nascem no seio de massas, mas que raramente se encontra no indivíduo isolado?

Freud entende que o indivíduo não existe completamente isolado das relações humanas e sociais, como apresentamos anteriormente, desde o início do desenvolvimento de sua teoria, ele considerava o sujeito como sendo formado a partir das suas relações com os pais, a família, os

educadores. No entanto, apenas neste texto de 1921, é possível notar uma mudança de interesse no trabalho do autor. Se até então a psicanálise se debruçava sobre as relações do sujeito sendo influenciado por uma, duas ou um número limitado de pessoas (seus pais, por exemplo), agora Freud busca pensar em uma dimensão mais ampla, pensa no indivíduo sob influência de algo maior, de um número maior de pessoas – o que ele chamará de massa<sup>6</sup>.

Em um primeiro momento, Freud (1921/2011) se apoia em Gustave Le Bon para apresentar suas ideias sobre o lugar da mente do indivíduo e sua intimidade psíquica na massa, no coletivo. Este sociólogo francês se interessa por questões semelhantes às de Freud: ele se questiona por que o indivíduo se comporta de uma forma dentro da massa e de modo diferente quando está fora dela. Ao exemplo de um indivíduo do tipo calmo, pacífico, que em um contexto de massa torna-se uma pessoa violenta e mortífera, podemos chegar a pensar que não estamos tratando da mesma pessoa. Le Bon afirma que não importa se os sujeitos são iguais ou não, a massa trata de homogeneizá-los, é como se existisse na massa uma “alma coletiva”. Nas palavras do pensador social:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa (LE BON apud FREUD, 1921/2011, p. 17).

Freud concorda apenas parcialmente com essa leitura leboniana, pois percebe que este ela carece da falta de compreensão do que a psicanálise chama de inconsciente. Ou seja, falta ao pensamento de Le Bon aquilo que Freud enxerga como a maior contribuição da psicanálise para o entendimento do sujeito e da cultura.

A noção de inconsciente postulada por Freud diz respeito a uma instância psíquica independente da consciência, embora se relacione com esta. O inconsciente seria a instância mental que serve de morada para todos os conteúdos psíquicos que reprimidos, ou seja, é o reservatório de tudo aquilo que o sujeito considera indesejado para consciência (FREUD, 1915a/1996).

---

<sup>6</sup> De modo a rever os equívocos da tradução brasileira, que é herdeira da edição inglesa das obras de Freud, da qual deriva a tradução brasileira de *Group Psychology* para “psicologia de grupo”, utilizaremos a tradução do Freud direta do alemão feita por Paulo César de Souza que traduz a expressão alemã *Massenpsychologie* por “psicologia de massas”, mantendo maior fidelidade à expressão utilizada por Freud. Utilizamos o termo ‘massa’ para oferecer um sentido menos mecânico e mais dinâmico que o termo grupo.

Fazem parte do inconsciente os impulsos primitivos mais profundos do ser humano, os impulsos que o levam à destruição e agressividade. Estes impulsos serão chamados por Freud de pulsões de morte, que junto das pulsões de vida, atuam de modo a regular a existência psíquica. Em termos metapsicológicos, as pulsões de vida atuam para a fusão das partes vivas em unidades cada vez maiores, enquanto as pulsões de morte atuam para a defusão das unidades maiores em partes menores, que em última instância seria a morte destas partes (FREUD, 1920/1996).

No pensamento freudiano, todo o esforço da cultura (da educação e da criação familiar) consiste em reprimir as pulsões que seriam contrárias ao propósito da manutenção e sobrevivência da civilização. Ou seja, o papel da cultura seria fortalecer o recalque a fim de que as pulsões sejam contidas no inconsciente e domesticadas de modo a atenderem aos propósitos éticos e valores da civilização (FREUD, 1930/1996).

No entanto, o que chama a atenção de Freud é que estas barreiras criadas pela civilização para a repressão dos mais profundos interesses humanos caem por terra quando o indivíduo faz parte desta "alma coletiva". As barreiras do recalque não o impedem de ceder às pulsões de destruição inconscientes quando o indivíduo encontra-se fazendo parte de uma massa (FREUD, 1921/2011).

Observando o indivíduo em grupos é possível notar que, aparentemente, a sua responsabilidade individual, a sua consciência desaparece. No mínimo pode-se observar que fica em estado de suspensão. A simplicidade e o exagero dos sentimentos e pensamentos dos sujeitos nas massas, a sua abertura às influências múltiplas e o seu caráter impulsivo e violento, são apontados por Freud como características análogas aos conteúdos inconscientes mais primitivos da psique humana<sup>7</sup>, são movimentos cada vez mais próximos das forças de defusão, das pulsões de morte.

A massa seria então o contexto no qual o indivíduo se sentiria autorizado a fazer coisas que conscientemente e sem a massa não faria. Ela permite que o sujeito se livre dos processos de recalque. Graças a isso, como elucida Le Bon, a massa é como se fosse invencível, indestrutível. É dotada de uma potência que seus componentes isolados não têm.

---

<sup>7</sup> Cabe salientar que neste momento Freud ainda não havia proposto o seu modelo final do aparelho psíquico. Apenas em 1923/1996 em *O Ego e o Id*, após a criação de conceitos como compulsão à repetição, pulsão de morte e o lançamento os problemas da sua psicologia das massas, Freud irá organizar a sua segunda tópica: constrói o modelo do aparelho psíquico, que define as três "estruturas" da mente. Seriam elas: o *Eu*, instância formada para a racionalidade, para lidar com os conteúdos do consciente; o *Supereu*, voltado para o mundo exterior da educação transmitida pelos pais, dos costumes herdados pela tradição, que acabaram por ser interiorizados, formados como estrutura psíquica, e o *Isso* seria a estrutura mais primitiva, as profundezas de onde provêm os interesses mais profundos do ser humano, as pulsões de agressividade e destruição.

Freud ainda observa a semelhança do comportamento de massas no fanatismo religioso e nas experiências de fé e êxtase. A analogia com a religião é interessante, pois para o autor, qualquer massa, como as religiosas, não buscam ou desejam a verdade; elas anseiam apenas pelas suas ilusões e, aliás, sobrevivem por meio delas. A massa seria, então, o processo humano mais próximo da irracionalidade. Uma das características que levam o sujeito a adquirir as qualidades da massa a qual faz parte é o estado de sugestionabilidade a que ele está submetido. O sujeito obedece, acata todas as sugestões como se fossem suas, obedecendo às ordens do líder com respeito, admiração ou temor.

Para investigar o papel do líder e a importância de uma liderança na massa, alguém que exerce fascínio e a entrega da massa, Freud vai usar como exemplo a Igreja e o exército, duas instituições que formam massas que seguem sem reflexão a ordens estabelecidas. Para ele, o que ocorre na entrega de uma pessoa a uma massa guiada por um líder, seja ele militar, religioso ou político, é semelhante ao que ocorre nos relacionamentos amorosos, quando uma pessoa se entrega ao outro ao ponto de apagar um pouco a si mesmo em prol da adoração do outro que é tomado como objeto de amor.

### **A formação das massas autoritárias e fascistas**

Essa entrega irrefletida ao outro, o abandono do seu próprio eu em nome de um movimento liderado por alguém (à semelhança da experiência romântica), levou o ex-aluno e discípulo de Freud chamado Wilhelm Reich<sup>8</sup> a investigar mais a fundo a psicologia das massas.

Em seu livro *Psicologia de massas do fascismo* (1933/2015), Reich analisou o desejo e a psicologia das massas fascistas no período do crescimento e do governo nazista assim como os discursos de algumas personalidades de liderança do partido nazista (atendo-se mais precisamente aos discursos de Hitler e Goebbels, identifica no pensamento autoritário destes as pistas que

---

<sup>8</sup> Wilhelm Reich foi um médico e psicanalista da segunda geração, discípulo de Freud, que aproximou a teoria freudiana da sexualidade com o pensamento marxista. Foi filiado à IPA (Associação Internacional de Psicanálise) e ao PCA (Partido Comunista da Áustria) ao mesmo tempo. Suas críticas a estas duas instituições desagradaram seus líderes e ele acabou sendo expulso das mesmas. Dentre suas ideias no período ainda mais próximo da psicanálise, Reich enxergou um aspecto revolucionário na sexualidade, o desejo das massas em serem dominadas e propôs formas de transformação da moral e dos costumes que desagradaram a Freud e os psicanalistas da época. Sobre este autor vale lembrar que as técnicas de intervenção corporais, as teorias e explorações desenvolvidas no seu trabalho pós-psicanalítico, assim como a sua personalidade controversa, continuam a produzir polêmica e discordância no movimento psicanalítico, que convencionou não considerar Reich um psicanalista (ROUDINESCO & PLON, 1998).

indicam as origens inconscientes do fascismo). Dentre as descobertas oferecidas por este estudo, é interessante notar que para o autor essas massas desejaram o fascismo.

Diferente de seu antigo professor, Reich pontua que as pessoas não sofrem apenas o efeito de enamoramento, encantamento, fascinação por um líder. Para ele o líder não tem totalmente o poder de despertar nas massas a suspensão da consciência individual e o destino dado aos impulsos reprimidos no inconsciente. O que liga o indivíduo ao líder é o desejo: as massas também desejam o fascismo, desejam servir a uma figura autoritária, buscam a obediência. Elas não são totalmente passivas, não são fascinadas por figuras atraentes como Hitler e Mussolini, elas também gozam na sua posição de obediência.

Não enxergando o homem como sendo separado do restante da natureza, tomando-o na esteira das demais espécies de animais, Reich não toma a obediência humana como uma condição natural do homem, ele se pergunta por que o homem é o único animal que, voluntariamente, abre mão da sua liberdade para receber ordens de outro. Reich se preocupa com o fato de haver tantos indivíduos que desejam servir a um líder, a uma ilusão, a um partido, a um movimento. Para ele este comportamento da massa em seguir as ordens de alguém como um “espírito de rebanho”, como diria Nietzsche, é algo que tem sua origem na cultura e mais precisamente na forma como esta cultura é mantida viva – através da criação familiar. Na leitura de Reich, a estrutura familiar ocidental é autoritária, patriarcal e repressora.

Os movimentos nacionalistas que se dá pela valorização de seus iguais e no ódio ao diferente, aos inimigos, aos estrangeiros, àqueles que não fazem parte desta nação ou são indignos dela, serão tomados por Reich como algo que ocorre em decorrência de uma fraqueza criada por esta cultura opressora dos impulsos biológicos primários. A partir de sua experiência clínica, Reich localiza a raiz desta fraqueza na relação do bebê com a sua mãe.

O desejo de ser dominado pelo outro lembra o recém-nascido que, ao chorar em seus primeiros anos de vida, é atendido por este outro que é a sua mãe e que sabe manejar seu corpo de modo a promover a descarga dos estímulos instintivos (saciar a fome, por exemplo)<sup>9</sup>. A permanência

---

<sup>9</sup> Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud postulará a sua teoria da sexualidade. Sua originalidade se encontra na descrição da experiência de satisfação sexual que ocorre concomitante à descarga das excitações que mãe realiza no sujeito-bebê. Ao oferecer o substrato orgânico (o leite, o alimento), a mãe também oferece prazer sexual que será registrado no corpo do bebê através da estimulação das suas zonas erógenas. Neste momento se distingue os estímulos instintivos, necessidade fisiológica, das pulsões (impulsos), advindos da experiência desta experiência de prazer. O psiquismo trabalhará da seguinte maneira: as pulsões sexuais forçam o indivíduo a buscar reviver tais experiências de prazer. Se no primeiro momento é o alimento (saciar a fome) que o bebê deseja, no segundo momento ele deseja o peito (objeto de satisfação erótica). Para Freud, a relação do

(a fixação) neste estágio de satisfação infantil faz com que o sujeito, mesmo depois de atravessado o período da infância, continue a desejar que alguém dê um destino para o seu desejo, ofereça um objeto para a satisfação de seus impulsos. Ao invés de se haver com seu próprio desejo, que seria a sua expressão de liberdade, a maioria dos indivíduos deseja que alguém lhe diga o que fazer com ele.

Levando a análise psicanalítica a extremos não desejados por Freud, Reich dirá que o autoritarismo e o fascismo nascem no colo da mãe que reproduz a forma autoritária da família ocidental em reprimir as pulsões sexuais.

A mãe participa fundamentalmente do processo de castração, que consiste em reprimir os impulsos eróticos em prol da educação e da manutenção da civilização, desse modo a mãe perpetua a moral cultural vigente, perpetua uma estrutura familiar autoritária, castradora. A dependência do animal humano de um outro que cuide dele (cumpra esta função originalmente exercida pela mãe), esta fixação na figura materna, nasce de em um contexto cultural ocidental, em uma estrutura familiar autoritária, em uma nação que preza pelo sentimento nacionalista. Estas são as condições necessárias para o nascimento do autoritarismo e do fascismo.

O sentimento nacionalista é, portanto, o prolongamento direto da ligação familiar e, tal como esta, tem a sua origem na ligação fixa à figura da mãe. Isso não se pode explicar biologicamente. Pois mesmo esta ligação à mãe passa a ser um produto social, na medida em que se transforma em ligação familiar e nacionalista. Ela cederia o lugar, durante a puberdade, a outro tipo de relações — por exemplo, as relações sexuais naturais —, se as limitações sexuais da vida amorosa não contribuíssem para perpetuá-la. É nesta perpetuação socialmente motivada que a ligação à mãe constitui a base do sentimento nacionalista do homem adulto, transformando-se, assim, numa força social reacionária (REICH, 1933/2015, p. 63).

Do *Angriff*, jornal de propaganda nazista criado por Goebbels, Reich extraiu a seguinte referência que este personagem fazia à figura da mãe, chegando a propor que o dia das mães fosse celebrado como o dia da mãe Alemanha.

A revolução nacional varreu tudo o que é mesquinho! São de novo as ideias que comandam e que unificam — família, sociedade, nação. A ideia do Dia das Mães presta-se a honrar o que a ideia alemã simboliza: a Mãe alemã! Em parte nenhuma a esposa e a mãe tem a importância que lhe é atribuída na nova Alemanha. Ela é guardiã da vida familiar, da qual brotam as forças que reconduzirão o nosso povo à supremacia. Ela — a Mãe alemã — é a única portadora do pensamento do povo alemão. A ideia de "Mãe" é inseparável da ideia de "ser alemão". Poderá alguma coisa unir-nos mais do que a ideia de prestar um tributo comum a todas as mães? (ANGRIFF apud REICH, 1933/2015, p. 63).

---

bebê com a mãe será fundamental para a constituição do aparelho psíquico e para compreensão da forma como aquele sujeito lidará com o outro ao longo de sua existência.

Para Reich é de interesse do Estado que a estrutura familiar seja autoritária, pois assim as massas podem ser mais facilmente moldadas, sujeitas à sugestão, obediência e ainda desejarão pela servidão (advinda da dependência da figura da mãe) como estiverem desejando sua própria liberdade.

A psicanálise de homens e mulheres de todas as idades, países e classes sociais leva às seguintes conclusões: a combinação da estrutura socioeconômica com a estrutura sexual da sociedade e a reprodução estrutural da sociedade verificam-se nos primeiros quatro ou cinco anos de vida, na família autoritária. A Igreja só continua essa função mais tarde. É por isso que o Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas. (REICH, 1933/2015, p. 45)

Agora não parece nos surpreender mais o fato de que no atual momento político brasileiro a ideia de “preservação da família tradicional” esteja tão presente nos discursos dos nossos políticos e suas massas seguidoras. Os estudos sobre psicologia das massas em Le Bon, Freud e Reich nos ajudam a compreender os movimentos inconscientes dos indivíduos nas massas e quem sabe buscar vias possíveis de solução para os problemas que surgem nestes movimentos.

É importante compreender que, para Reich, a repressão da sexualidade, a moral vigente, que estão nas origens de tanto ressentimento, violência e ódio não são condições naturais. Elas são formações que aparecem em determinado contexto cultural ocidental, patriarcal, fundamentado no autoritarismo familiar e respaldado por uma educação baseada na repressão de todas as expressões da liberdade ainda nos primeiros anos da infância. A importância da análise psicanalítica que aqui oferecemos consiste em mostrar que, a repressão, o autoritarismo e suas manifestações mortíferas, não sendo categorias primordiais, não tem razão de serem permanentes, são movimentos transitórios.

Ora, se a repressão social da sexualidade natural das massas pode ser eliminada, e se nessa repressão reside o mecanismo central da estrutura de caráter que condiciona a incapacidade de liberdade, então a conclusão lógica será que não se trata de uma situação desesperada. Nesse caso, a sociedade tem amplas possibilidades de eliminar toda a espécie de circunstâncias sociais a que chamamos “peste emocional” (REICH, 1933/2015, p.174).

Não estamos fadados a permanecer nesta dependência emocional de uma estrutura familiar autoritária, nem de um líder ou governo autoritário, assim como a nível pessoal (que se amplia para o social) não estamos fadados a permanecer da mesma forma como foram gerados os nossos mecanismos de defesa na infância e nem mesmo somos limitados a viver eternamente a partir dos registros passados que constituíram nosso aparelho psíquico. Através da análise crítica da cultura é possível romper com as forças da repressão, com as marcas do autoritarismo, com a ordem social vigente, assim como a análise individual auxilia na superação das estruturas causadoras de sofrimento psíquico.

### **O filme *A Onda* como ilustração**

Impossível falar em fascismo e cultura contemporânea e não lembrar do filme alemão *A Onda* (*Die Welle*) do diretor Dennis Gansel (2008). A obra retrata a experiência realizada pelo professor Rainer Wenger, em uma escola na Alemanha, sobre como um sistema autocrático e fascista pode ainda emergir nos dias atuais.

Wenger percebe que seus alunos não estão muito interessados em estudar o tema da autocracia, visto que acreditam que isso é algo do passado, que já foi discutido milhares de vezes, e que não seria possível acontecer de novo na Alemanha algo semelhante ao nazismo, pois o fato de termos consciência do que fizemos no passado garantirá que não venhamos a cair nestes mesmos erros.

Para mostrar aos alunos que o retorno do fascismo era sim possível, Werner começa um experimento com a turma. Primeiro o professor muda a disposição das cadeiras; antes se tinha mesas reunidas em grupos, mas agora todas estão viradas para frente, de modo que todos os alunos fiquem voltados para o professor. Em seguida, ao explicar quais são os requisitos de um sistema autocrático, o professor ressalta que mais do que uma ideologia, controle e vigilância, é imprescindível à massa a figura de um líder. À semelhança do que elucida Freud (1921/2011, p. 25): "a massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor". O líder, fundamental na massa, ocupa um lugar de prestígio e tem poder de fascinar tanto quanto um hipnotizador.

O professor pergunta quem seria o líder naquele grupo e eles concordam democraticamente (sem imposição) que o próprio professor, seria o melhor líder. Inicialmente os alunos tomam aquela situação como uma brincadeira apenas e seguem voluntariamente as primeiras ordens do mestre: tirar tudo da mesa, sentar direto, ter que se levantar para falar, etc. Desse modo, o professor mostra que o poder se dá através da disciplina, uniformidade e união da massa.

Quanto à uniformidade e união, imprescindíveis para a boa condução de uma massa, Wenger cria condições para que aqueles alunos se tornem uma massa forte: eles marcham juntos, começam a usar uniforme, escolhem um nome para o grupo e elaboram uma saudação própria. Assim nasce a ideia de um coletivo que tem que prezar pela união e apoiar uns aos outros para que juntos sejam mais fortes que separados. Surge então "A Onda".

Essa organização se aproxima do que McDougall, citado por Freud (1921/2011), aponta: a massa possui uma identidade própria para substituir a identidade que o sujeito tinha antes de se

junta a ela. Algumas condições que McDougall cita para a formação da massa são: materiais que deem continuidade à massa (se vê isso no ao longo de todo o filme), tradições e costumes (eles criam uma saudação própria para o grupo) e ter uma rivalidade com outras massas (mais tarde a turma de Wenger vê outros alunos do colégio, não participantes da onda, como inimigos).

O aspecto irracional da onda transparece na fala de uma das alunas que diz: "de repente todo mundo tava fazendo. Era uma energia estranha que pegou todo mundo". Esta 'energia estranha' refere-se ao que Le Bon chama de contágio, que diz que toda ação e todo sentimento é contagioso no interior de uma massa. O que faz parte da identidade da massa prevalece e é difícil de explicar como, 'do nada', todos estão fazendo a mesma coisa, como se estivessem contagiados uns pelos outros. O contágio é esse mecanismo aparentemente misterioso que mantém a unidade entre as partes na massa para Le Bon.

No filme ainda podemos perceber a noção de alma coletiva de que Le Bon. Ao fim da experiência, os alunos contam que "não importa agora quem é o mais bonito, o mais popular, ou faz mais sucesso. A onda nos tornou iguais", "raça, religião e classe social não importam mais. Pertencemos a um movimento. A onda deu significado à nossa vida, ideais pelos quais lutar", "antes eu batia nos outros, agora quanto mais penso nisso, mais vejo como era idiota" e "é muito melhor ser parte de uma causa. Quando podemos confiar uns nos outros, conquistamos muito mais, mesmo que isso signifique sacrificar a nós mesmos". Ou seja, fora dela, os indivíduos são outros, conseguem se diferenciar, é possível de certa forma contornar uma subjetividade, mas quando estão dentro de uma 'onda' o que prevalece é esta alma coletiva. Desaparece o indivíduo em sua multiplicidade, resta uma identidade compartilhada.

Outra noção interessante que Freud (1921/2011) discute e que o filme apresenta é a de que a massa "tem o sentimento da onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa" (p. 22). Em outras palavras, não se é guiado pela racionalidade, pela razão consciente, mas pelo inconsciente, por sentimentos extremos, como a onipotência. Isto fica claro quando professor diz aos alunos que "juntos podemos fazer qualquer coisa". Ou seja, "inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa" (FREUD, 1921/2011, p. 23).

Por fim, quando Wenger percebe que seu experimento estava indo longe demais, ele decide terminar o experimento e diz que seus alunos não precisam mais chamá-lo de 'senhor Wenger'. No entanto, isso não acontece. E mais, o experimento extrapola as quatro paredes da sala de aula; 'A Onda' está presente em todos os lugares da cidade - como adesivos nas paredes e pichações nas ruas. Chega um momento em que até mesmo o professor, alguém que supostamente teria em suas mãos o controle da atividade, na verdade já havia sido vítima de seu próprio experimento.

Entretanto, como quem produz um *insight*, Wenger enxerga ser preciso colocar um fim àquilo. Ele então reúne todos os alunos para o ato final do experimento. O professor, fingindo, diz que a onda é muito potente e não deve acabar após aquela semana, que deve continuar a expandir por todo o país; novamente ilustrando o sentimento de onipotência da massa. Os alunos, hipnotizados, o aplaudem, mas um deles se manifesta contra e é chamado de traidor pelo professor. Este ordena que o traidor seja levado até ele e a massa prontamente segue a ordem e o leva ao professor— como aponta Freud —, ela é desprovida de crítica.

Diante disto, Wenger coloca essa falta de pensamento crítico em questão. Pergunta a um dos garotos por que ele trouxe o traidor até lá e o menino responde por que foi ele quem mandou. O professor então indaga o aluno se mataria aquele que vai contra a onda se ele mandasse; se ele o torturaria até concordar com as ideias do grupo. Com isso, Wenger quer trazer aquela massa que está guiada pelo inconsciente a pensar conscientemente sobre suas ações. Esta parte ilustra como a massa libera o sujeito dos processos de recalçamento, permitindo que o sujeito experimente a agressividade, que é um profundo interesse humano.

Na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mal da alma humana (FREUD, 1921/2011, p. 19).

Assim, os alunos conseguem perceber como aquela situação tinha escalado a um extremo inimaginável. Eles estavam vivendo aquilo que afirmaram há uma semana antes ser impossível ser vivido de novo. Com isso, o professor anuncia que 'A Onda' acabou.

No entanto, um aluno chamado Tim não consegue assimilar isso e acaba se matando dada a ausência de sentido que o fim da onda causou em sua existência. O seu investimento naquele movimento tão grande ao ponto de que quando 'A Onda' acaba sua vida acaba também. Isso se aproxima da noção de libido de Freud, que diz que as massas se juntam por um processo análogo ao enamoramento.

Para Freud, o que regula as massas é o Eros. Este enamoramento exige que haja harmonia entre o sujeito e seu objeto de amor. Uma vez enamorado, uma parte do Eu do sujeito se perde e aquilo que o distinguia do grupo, deixa de existir para que seja mantida esta harmonia da massa.

É, então, amparado por este conceito de identificação libidinal que Freud explica o funcionamento das multidões como aquilo que liga seus componentes entre si e faz com que elas sejam, exatamente, multidões: cada indivíduo projeta sobre os outros, sobre o líder, a idealização do que cada ego individual estruturou para si próprio (BENEVIDES & JOSEPHSON, 2017, p.10).

No longa-metragem, a postura do aluno Tim é uma demonstração clara desse Eu que se projeta na figura do líder, no sentimento de poder e de pertencimento que este inspira. Uma vez que este enamoramento acaba, todo este investimento libidinal entra em colapso. É isto o que ocorre com o jovem personagem: a onda deu um sentido que a sua vida até então era destituída, isso fez com que ele investisse tanto libidinalmente para a sobrevivência da onda, a fim de não perder aquilo que se tornou seu grande objeto de satisfação, o que deu um propósito a sua existência.

A trágica experiência de Wenger demonstrou que o nazismo, o fascismo, as ditaduras e os regimes autoritários não fazem parte das páginas dos livros de história. Eles são realidades, pois como diria Reich, nós desejamos servir a alguém que seja uma autoridade capaz de conduzir o nosso desejo. A sede por ilusões presente nas massas, segundo Freud (1921/2011), pode nos levar a crer (independentemente da nossa educação moral e ética) que se justifica que o outro morra pelo fato de ser e pensar diferente, de não se submeter à autoridade pela qual eu admito me submeter. Disto provêm as expressões irracionais do ódio, da violência e da morte.

Alguns jornais nos trazem ao conhecimento informações assustadoras sobre os movimentos neonazistas na Europa e na América do Norte. O fascismo parece estar na moda, pois é possível observar em vários países os saudosistas de um período de autoritário e ditatorial. Membros da Ku Klux Klan, famoso clã do ideário da supremacia branca americana, saíram às ruas com tochas nas mãos há pouco mais de três anos atrás. Sem contar nas novas expressões do conservadorismo nos costumes, movimento não exclusivo do Brasil, que tentam naturalizar ataques às populações que estão saindo da marginalidade nas últimas décadas, a exemplo dos homossexuais e das mulheres e a conquista de seus direitos. Independente das leis que criminalizam tais práticas, elas continuam a ocorrer e, ao que tudo indica, tem tomado uma proporção assustadora nos últimos anos.

As massas das ruas, das redes sociais e dos grupos de whatsapp, indicam o caráter irracional, impulsivo e sedento por destruição que em nossos tempos não estão reservados aos ginásios de luta

ou grandes disputas em finais de jogos em estádios de futebol, mas tem feito parte do nosso cotidiano afetivo e social. Assusta saber que o homem não tem condições apenas para repetir os erros de antes, mas tem um potencial de garantir que as novas ações sejam mais fatais que as anteriores. É possível que nossa civilização rume por caminhos cada vez mais obscuros.

### **Movimentos de destruição e violência no contexto político do Brasil atual**

Em junho de 2013, milhares de pessoas foram às ruas em várias cidades brasileiras para protestar... Sobre exatamente o quê? Esta questão é difícil responder, pois o motivo do movimento aparentemente era protestar contra um aumento na tarifa de ônibus na cidade de São Paulo, no entanto logo se tornou um movimento sem uma só causa, sem organização e confuso de entender.

Era possível ver nas ruas pessoas pedindo o fim do governo (na época ainda o primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff). O que, à primeira vista, parecia ser apenas o movimento compreensível de cidadãos indignados com os escândalos de corrupção (em que vários partidos políticos estavam sendo acusados exaustivamente nas mídias), logo se transformou em imensas ondas de pessoas violentas e odiosas. Frases de ódio, manifestações de raiva e ressentimento tomaram conta das ruas e das mídias sociais. A violência e o enfrentamento entre as partes contrárias no jogo político apareceram de tal modo que forçaram qualquer um que quisesse manter um pouco de sua postura crítica, desconfiado de que aquelas pessoas estavam afundadas em uma atmosfera semelhante ao transe. As ruas das nossas metrópoles pareciam arquibancadas de estádios de futebol. A manifestação se transformou em torcida organizada. Não é à toa que o uniforme de um dos grupos tenha sido a camisa amarela da seleção brasileira.

Deste evento até o momento de agora, as massas nas ruas têm se tornado cada vez mais frequentes. O que pode parecer uma manifestação normal da democracia, em verdade mais se parece com os fins da própria democracia<sup>10</sup>. Quando um grupo toma o outro não como rival político, mas como um estranho que deve ser eliminado, algo de destrutivo começa a nascer nestas massas, pois a democracia é fundamentada no ideário da liberdade política. O desejo de retirar a liberdade do outro, por sua vez, é um atentado à democracia.

---

10 Sobre a irracionalidade das massas, a forma como estas são fáceis de serem manipuladas e como isso ocorreu na sociedade brasileira desde as manifestações de 2013, ver o documentário *Democracia em Vertigem* da diretora Petra Costa, lançado em 2019 pelo Netflix.

O psicanalista Contardo Calligaris, em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, vem analisando o panorama atual da política brasileira e tecendo reflexões interessantes acerca do comportamento de massas. Em um artigo de 7 de março deste ano, intitulado *Patriotismo e patriotice*, ele distingue dois modos distintos de sentimento patriótico. O primeiro seria o sentimento de orgulho por pertencimento a sua pátria, algo que seria razoável e de certo modo até importante para a constituição de uma identidade brasileira. Contudo, o que ele chama de *patriotice* seria a dominação de um sentimento irracional de orgulho da sua pátria, no qual você se une aos que se sentem defensores do “melhor para a nação” e admite, sem maior reflexão, tudo aquilo que está sendo posto como voltado para “o bem da nação”. Na estúpida atmosfera da *patriotice*, as massas admitem a perigosa sentença de que “os fins justificam os meios”, ou “vale tudo” em defesa do que estas consideram ser o melhor para a sua pátria amada.

No final do ano passado, assistimos mais de mil venezuelanos que estavam refugiados na cidade de Pacaraima (RR) sendo expulsos por uma massa de “cidadãos de bem” ao som do hino nacional. Sob a justificativa de que estavam defendendo o Brasil, inclusive o direito ao trabalho dos próprios brasileiros (que não teriam que disputar emprego com esses ‘intrusos’), eles queimaram os acampamentos de refugiados e seus pertences. Felizmente, cenas como essas não são vistas todos os dias.

Este evento nos permite refletir da seguinte maneira: o quê exatamente autorizou aqueles indivíduos a agirem daquela maneira? Por que agiram de forma tão odiosa e de onde tiraram a coragem de tornar esse ódio público?

No mesmo artigo citado, Calligaris salienta: “São os grupos que nos autorizam a sermos os canalhas que, sozinhos, nós não nos autorizaríamos ser. A pátria é um desses grupos possíveis” (Folha de S. Paulo, mar. 2019).

A pátria, ou os brasileiros com sentimento ‘patriótico’, seria uma massa com todas as características de apagamento da subjetividade como vimos em Freud (1921/2011), uma massa mortífera que autoriza o indivíduo a fazer aquilo que sozinho não teria condições físicas e psíquicas para realizar. Na massa patriótica nos autorizamos a pedir morte àqueles que estamos convictos de que estão contra a nação, pedir a volta da ditadura militar, ameaçar as instituições democráticas (inclusive o Supremo Tribunal Federal) dentre outros absurdos.

A (re)produção das frases de ódio e consensos como “direitos humanos é para humanos direitos”, “bandido bom é bandido morto”, “comunista tem que morrer”, “a polícia tem mesmo é que matar”, entre outros, se tornaram tão comuns que a capacidade de conversar, tentar se colocar no lugar do outro, em um exercício racional e consciente, tem se tornado cada vez mais rara, principalmente nas aglomerações de manifestantes, seja nas ruas ou nas redes sociais virtuais.

Nós que fazemos parte de uma cultura que tem seus fundamentos na racionalidade e na consciência, sem o auxílio de autores como Freud, certamente, teremos dificuldades em entender o atual momento em que nos encontramos.

Se a massa produz no sujeito uma operação de desrecalcamento, que pode permitir a ebulição dos impulsos do mais profundo interesse humano – as expressões da agressividade e do erotismo – devemos estar atentos aos movimentos produzidos pelas massas e sinalizar sobre os riscos de se entregar completamente a um determinado movimento grupal. “(...) ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva” (FREUD, 1921/2011, p. 24).

No que diz respeito ao atual momento político do nosso país, se faz necessário prestar atenção aos movimentos dos dois extremos que se dizem contrários (encarnados sob a velha ‘atualizada’ separação entre esquerda e direita), pois ambas as massas têm o poder de tolher a nossa possibilidade de ser singular, que consiste na nossa liberdade de pensar para além do que está sendo posto no grupo. Se analisarmos criticamente os discursos das pessoas da esquerda ou da direita, da oposição ou situação, conseguimos perceber que existem pontos em comum entre seus discursos, tais como: ausência do pensamento autocrítico, a certeza de que estão “do lado certo da história”, a ideia de que “o outro” é um inimigo e a convicção de que suas ações, até mesmo seus excessos, se justificam em nome de um “bem maior”, dando margens à radicalidade e ao fanatismo que certamente embaraçam a racionalidade e toleram abusos e violências contra o grupo ao qual se toma como inimigo a ser combatido, eliminado.

Em nossos tempos de polarização política, em que os adjetivos comunista, fascista, direitista, esquerdista, são tomados pelo discurso de um dos lados do jogo político como uma ofensa, vale retomar a lucidez reichiana ao considerar que deve existir uma análise mais sincera e complexa sobre como se organizam as massas políticas fascistas. Quando ele chama o nazismo de fascista, ele não

o faz de forma displicente como se o simples fato de chamar o nazismo de fascista encerrasse a discussão sobre este movimento político. Reich ele descreve de forma pormenorizada os aspectos de dominação do outro pelo abuso da autoridade. As considerações de Reich continuam atuais para os tempos de agora:

A palavra fascismo não é um insulto, e nem a palavra capitalismo. Representa um conceito que designa uma forma muito particular de dirigir e influenciar as massas: regime autoritário, sistema de partido único, portanto totalitário, o poder à frente dos interesses objetivos, distorção política dos fatos, etc. Deste modo há "judeus fascistas" e "democratas fascistas". (REICH, 1933/2015, p.171).

Não há anjos revolucionários de um lado e diabos reacionários do outro. Não há capitalistas ávidos de um lado e trabalhadores generosos de outro. Para que a sociologia e a psicologia de massas possam vir a funcionar como verdadeiras ciências, é preciso que se libertem da maneira de ver tudo como branco ou preto, maneira esta própria da política. Têm de mergulhar no caráter contraditório do homem que teve uma educação autoritária, procurar a reação política no comportamento e na estrutura das massas trabalhadoras, para então contribuírem para a sua articulação e eliminação (REICH, 1933/2015, p.175).

### Considerações finais

No verão que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, Freud estava caminhando na companhia da psicanalista Lou-Andreas Salomé e do poeta Rainer Maria Rilke, quando este último lastimou que toda a beleza da natureza estivesse condenada a perecer. A transitoriedade, própria do duelo entre os "poderes celestes" Eros e Thanatos, era para Rilke motivo de tristeza e perturbação de espírito. Diante do desânimo e pessimismo do companheiro com a mudança que está sempre presente na existência, Freud escreveu:

[...] contesto o poeta pessimista, que associa a transitoriedade do belo com sua desvalorização. Ao contrário, há um aumento de valor! O valor da transitoriedade é raro em nossa época. A limitação das possibilidades de fruição eleva sua preciosidade. Considero incompreensível que a ideia da transitoriedade do belo possa perturbar nossa alegria diante dele. No que diz respeito à beleza da natureza, após sua destruição pelo inverno, ela voltará novamente no próximo ano, e esse retorno em relação à duração de nossa vida deveria ser caracterizado como eterno (FREUD, 1916/2017, p. 222).

Em tempos de tantas análises pessimistas (muitas respaldadas em um panorama real desanimador e entristecedor) sobre a política e o atual momento da nossa civilização brasileira, há valor em não perder a alegria de afirmar a existência mesmo diante dos movimentos de ódio e destruição de certas massas, que se apresentam nas expressões fascistas de eliminação de minorias, populações nativas e retrocesso em questões de ordem e direitos humanos e sociais.

É neste momento de crise da democracia que devemos voltar nossos esforços no fortalecimento das pulsões do Eros que, diariamente, apesar das circunstâncias, esforça-se em cada

indivíduo para manter a espécie humana em movimento de crescimento e criação de novas estratégias para viver/sobreviver e é isso que ainda tem nos mantidos vivos enquanto espécie. Pois assim como existem massas de destruição, grupos imbuídos no extermínio, não deixam de existir por isso os grupos mantidos pelo desejo de união e construção<sup>11</sup>. Eros se faz presente nos movimentos de resistência, nas lutas e manifestações daqueles que não admitem o desrespeito aos seus direitos. Há a importância das minorias e dos grupos que se encontram sob ataque na atualidade em afirmarem, com alegria, a sua existência, não deixarem de ser quem originalmente são (ou desejam ser) e continuarem a requerer os direitos que ainda não lhes são garantidos.

Sempre houve e sempre haverá o conflito entre as forças de vida e de morte. O que vemos na história é a alternância entre estas duas forças. Sem associar as pulsões de vida a um bem primordial e as pulsões de morte a um mal primordial, devemos nos situar para além do otimismo ilusório e do pessimismo paralisante. É importante não perder no horizonte que quanto maior é a força imposta pelas massas de destruição, mais as massas de resistência buscam meios de multiplicar-se, perpetuar-se, afirmarem a sua posição política. E é exatamente por este conflito pulsional que o quadro da vida e toda a sua multiplicidade e diferença existem.

E apesar das tentativas de se reescrever a história do nosso país de modo a formar pensamentos voltados para a admiração do autoritarismo de um passado e um presente escritos sob a violência, a repressão e a morte, há ainda vias de transformações do que está sendo posto. As vias de transformação, embora exijam de nós uma movimentação política, possuem bases naturais: dizem respeito às pulsões de vida que sempre encontram um meio de forçar o psiquismo humano a buscar satisfação e se diferenciar num processo de criação e transformação que é próprio do Eros.

Sem querer apresentar uma saída última para a situação em que nos encontramos, até porque não seríamos capazes de apresentar tal proposta (e também não acreditamos que ela já exista), decidimos registrar nas considerações finais deste trabalho as últimas palavras de Freud em outro texto seu que discute os destinos da sociedade – *O mal-estar na civilização*:

---

11 Apesar de darmos ênfase aos aspectos negativos da massa, que podem levar às experiências de destruição e violência (que é o propósito do nosso trabalho analisar), as massas não necessariamente são um mal. Existem massas que se esforçam na direção da manutenção da vida e na manutenção da civilização. No entanto, estas não deixam de ter problemas, pois assim como as massas de destruição, elas são contagiosas, irracionais, anseiam por ilusões, liderança e submissão. Podemos observar estas características nos dois polos do cenário político brasileiro atual: as pessoas dos dois lados desejam um ídolo (mito) a quem possam reverenciar, imitar e cultuar. Os apontamentos freudianos alertam que todas as formações de massas são perigosas, pois não se pode determinar seu curso. Não podem ser lidos, contudo, como considerações pessimistas.

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois 'Poderes Celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado? (FREUD, 1930/1996, p.151).

A atualidade destas palavras publicadas há quase noventa anos pode assustar alguns e inspirar outros. Mesmo ainda não sabendo o resultado do que está ocorrendo no momento de agora, pois prever o futuro não foi algo confiado aos humanos, apostamos na esperança de que a força de fusão, reunião, multiplicação e geração das pulsões do Eros, prevaleçam às forças mortíferas, aquelas que estão na raiz das expressões de violência e de ódio irracionais. E para preservar um pouco da nossa esperança cabe observar criticamente os movimentos das massas e os discursos produzidos pelas mesmas. Somente prezando pela nossa liberdade de pensamento e autocrítica podemos nos manter à distância das perigosas forças irracionais observadas nas massas.

Isto não significa o isolamento, tampouco as tentativas inúteis de neutralidade ou passividade política, mas sim a preservação da nossa capacidade de raciocinar em tempos obscuros, em que as pessoas parecem que abdicaram do diálogo em prol dos discursos de ódio e da militância apaixonada e não menos irracional. Talvez desse modo permaneçamos vivos e sóbrios após esta onda de violência e destruição passar.

## REFERÊNCIAS

A *ONDA*. Direção: Dennis Gansel. Produção: Christian Becker, Nina Maag e Anita Schneider. Alemanha: Constantin Film, 2008.

BENEVIDES, R.; JOSEPHSON, S. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. Em: JACÓ-VILLELA, A.M.; FERREIRA, A.A.L.; PORTUGAL, F.T. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 441-462.

CALLIGARIS, C. Patriotismo e patriotice. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, publicado na coluna do autor no dia 07 de março de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2019/03/patriotismo-e-patriotice.shtml>>. Acessado em 24 de junho de 2019 às 14h.

FREUD, S.; BREUER, J. (1895). *Estudos sobre a histeria*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 2).

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol.7, p.119-230).

FREUD, S. (1908). *Moral 'sexual' civilizada e doença nervosa moderna*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol.9, p.167-187).

FREUD, S. (1915a). *O inconsciente*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 14, p.165-217).

FREUD, S. (1915b). *Reflexões para tempos de guerra e morte*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 14, p.285-311).

FREUD, S. (1916). *Transitoriedade*. In: FREUD, S. Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p.221-225).

FREUD, S. (1920). *Além do princípio de prazer*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 18, p.11-75).

FREUD, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. In: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)/ Sigmund Freud Obras Completas Volume 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (p.13-99).

FREUD, S. (1923). *O ego e o Id*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol.19, p.15-82).

FREUD, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol.21, p.65-151).

Os movimentos de destruição e violência no contexto político da sociedade brasileira, pp. 53-75

MARCUSE, H. *Eros e civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

REICH, W (1933). *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.